

JORNAL: Habitat nº5 LOCAL: Quamabara  
DATA: 1 1951 AUTOR: \_\_\_\_\_  
TÍTULO: Bienal  
ASSUNTO: Fotografia de quadro de Ivan Serpa  
(quadro da Bienal)

HABITAT Nº5

pag. 9

BIENAL 5



1951?  
fotografia quadro  
Ivan

Mário Cravo, Briga de galos, cobre, 1951



Mário Cravo, Ogum, cobre repoussé

cos, também os estrangeiros, sofrem da mesma doença dos garçons: não aguentam demorar em pé, e por isso não viram bem a mostra da rua 7 de Abril.

De Lívio Abramo e de Goeldi, os dois bons gravadores brasileiros, numa sala-escaninho para cada um, falaremos dentro de breve. O prêmio de gravura de Goeldi foi bem merecido.

Após o Brasil, seguindo o caminho não indicado por sinal ou conselho lógico algum, chega-se à secção dos Estados Unidos, na qual o sr. d'Harnoncourt, diretor do Museu of Modern Art de Nova York e comissário de seu país, querendo romper a monotonia das paredes brancas e painéis cinzas (côres avisadamente inspiradas no modelo do Museu de Arte de São Paulo) deu-lhes outra côr, tão desentoada de fazer observar todos os incompetentes; viu o d'Harnoncourt que celebridade êle é? Mudou as côres e como ficaram bem! O diletante em arte brasileiro está súcubo ao diletante em arte norte-americano, os dois avançam num acerto perfeito, compreendem-se tão bem que assinam tratados de aliança e cooperação, como os três, ou quatro grandes.

A cooperação norte-americana manifestou-se desta vez com uma mostra sem fio nem cabeça. Parece que os museus americanos que "cooperaram" mandaram as pinturas, geralmente guardadas em depósitos, a tomar um pouco de calorzinho tropical. Drogas incríveis aquelas dos pintores americanos, que por mais que se esforcem nunca lhes será permitido entrar no santuário da arte; e essas drogas foram-nos ministradas pensando que somos cegos. O norte-americano é um povo extraordinário, muitíssimo civilizado, que gosta da arte (país nenhum proporciona à arte a atenção, cuidado e paixão que os Estados Unidos lhe oferecem); mas qual falta de sensibilidade, compreensão, *finesse*. Por que trazer até cá aquelas figuras de Philip Evergood, as paisagens cobertas de neve de Charles Burchfield, e assim por diante? Salões, os temos aqui também, com suas respectivas "secções académicas". Vimos que fim levaram na América do Norte George Grosz e Max Weber e, um artista que no tempo do Expressionismo fora um talento, Lyonel Feininger. Esta transformação, à qual pode-se acrescentar a de Beckmann, é testemunha de que os Estados Unidos ainda não se tornaram terra para pintura.

Em seguida, a reportagem não teve mais o prazer de ver demoradamente. Pensa-se com tristeza que a pintura sempre mais se confunde com ilustrativismo, que o palavrão dos críticos está confundindo a língua. Da participação americana, por entre fórmulas e formulinhas a Dali e o polimaterismo com atrazo de quarenta anos, só resta a lembrança duma bela tela: "Carvão e Madeira", de Loren Maciver.

Passa-se em seguida ao Chile. No caso de nações com somente pequenos grupos-tipos, não teria talvez sido melhor convidar só uma ou duas telas? Ou então avivar a sala como fez o Uruguai, aliás muito avisadamente, com as pinturas de Pedro Figari (1871-1938)? Arte moderna, locução vaga, não deve ser tomada ao pé da letra, como no passado e ainda fala-se em "arte futurista" querendo dizer arte atual. (Agora usa-se

até dizer "arte abstracionista", no Brasil há uma verdadeira fartura, e quanta tapeação: todos aquêles hieroglifos que, segundo os incompetentes possuem alta significação moral e até social, e por que não política é, na maioria dos casos um exercício no qual não se falará mais, como não se fala mais em Menonier e seus feis).

Voltando ao Chile, devemos dizer que há aí duas pequenas estátuas em granito de Lily Garufolic e Sérgio Mallol, muito graciosas, que fazem supor o prazer de admirar as ilustrações da plástica egípcia e o deleite de lêr Maspero. Victor Carvalho, muito conhecido no Brasil após suas mostras individuais, reconfirma sua altura de decorador elegante à Klimt.

A Grã-Bretanha não carece de solenidade; todavia o artista que teríamos gostado de conhecer é Henry Moore, que realizará no próximo ano uma mostra individual no Museu de Arte de São Paulo, conforme prometido e afirmado pessoalmente ao diretor daquela instituição, quando na Inglaterra.

A Itália apresenta uma bela secção, a melhor sem dúvida alguma. Tem um catálogo bellissimo que pode ser comparado — para melhor compreender — com o catálogo da Bienal, provincianismo incrível, cheio de êrros, com clichês de cabeça para baixo, com poucos nomes acertados; basta dizer que Jean Cassou tornou-se Jean Lasson, e assim por diante. A secção italiana apresenta-nos dois Carrá antigos e vários inúteis pintados

recentemente; duas séries magníficas de Filippo de Pisis e Giorgio Morandi (os senhores do juri, com a preocupação de serem considerados pessoas "à la page", isto é, ao par da moda, excluíram do Prêmio de Pintura êsses dois pintores de altura verdadeira, dois pintores que nos ligam à tradição, preferindo bizantinizar se o prêmio havia de ser conferido a Bazaine ou Chastel, isto é, a um abstracionista, esquecendo que a pintura é pintura e as brincadeiras são brincadeiras. Em todo caso, querendo mesmo premiar um abstracionista, havia, na secção italiana, Alberto Magnelli).

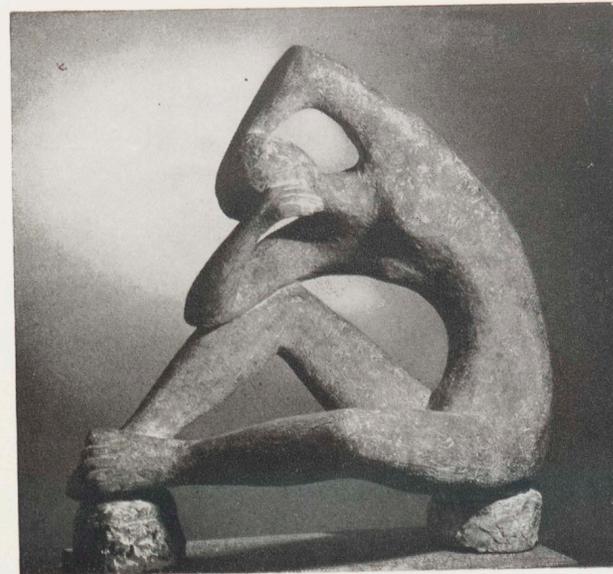
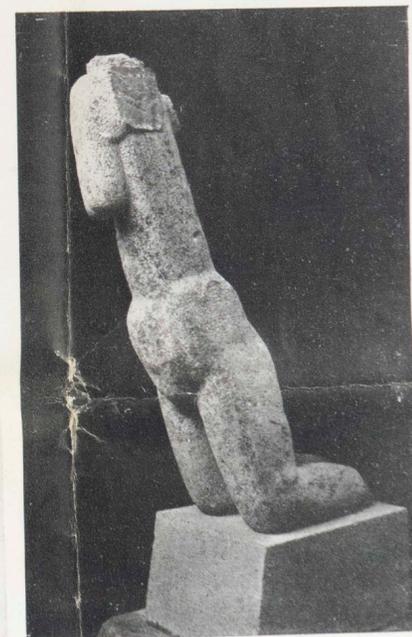
Também Campigli é bem representado na secção. Mas quantos pintores inúteis como Luigi Bartolini. Nós teríamos conferido o prêmio internacional de pintura a "Figuras no Espaço", de Virgílio Guidi; imaginemos porém o efeito da palavra "figura". Este não é um lugar para uma crítica, no sentido amplo da palavra. Cada visitante poderá ver e considerar por sua conta. Na secção italiana o escultor que mais teríamos apreciado de ver era Marino Marini, que porém não participou. Desta forma, não foi possível ver os três maiores escultores europeus: Laurens, Moore e Marini.

As demais secções não apresentam interesse especial, excluindo a Suíça que quiz realizar uma exposição entre o cartaz e o desenho geométrico, no entanto muito significativa desta nação. A mostra de toda a obra de Max Bill, apresentada há uns meses no Museu de Arte de São Paulo, esgotava o assunto; e justamente a uma escultura já apresentada naquela mostra, o juri conferiu o grande prêmio de escultura: o bellissimo aço foi colocado pelos organizadores da Bienal naquela espécie de porão, no subsolo, como expletivo do plácido comercialismo artístico das senhoras diletantes de São Paulo, as caras e belas damas que não podiam faltar, expondo seus partos no subsolo duma mostra internacional. (A arte não é algo para a ambição social ou snobística; é algo de sério, de profundamente sério; o mundanismo feminino deveria ter sido marginal, pois o mundanismo excessivo acabou confundindo a arte internacional com as caixinhas duma boite "demodée". Êrros êstes que serão evitados nas futuras edições, e evitando o êrro da incompetência poder-se-ia salvar tudo).

Teríamos que falar agora em outras coisas, como por exemplo da Exposição Internacional de Arquitetura: é necessário ter uma coragem singular para chamar de Exposição Internacional um recinto de fotografias, escolhidas ao acaso, com "arquitetos" que estão à Arquitetura como um pastificio está a Miguel Ângelo. Nunca teríamos imaginado que a falta de consideração e interesse chegassem a êste ponto. Basta dizer que a memória do patrono da Exposição, o notável arquiteto da estação de hidro-aviões do Rio de Janeiro, Attilio Corrêa Lima, é representada por um "in memoriam", usado pelos familiares atingidos por um triste acontecimento.

Somos talvez demasiadamente críticos; se nos afigura porém que na Bienal ninguém exerceu seu poder crítico, e que os críticos, se houveram, usaram óculos de lentes escuras.

Serafim

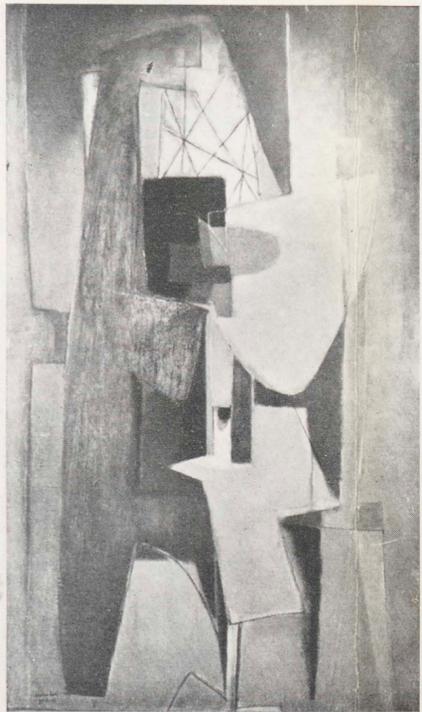
Bruno Giorgi, *Figura*, 2.º Prêmio nacional de esculturaVictor Brecheret, *Índio e a suaquapara*, 1951, Prêmio nacional de esculturaGermaine Richier, *A floresta*, prêmio de aquisiçãoOscar Jaspers, *Torso de mulher*, 1935Oscar Jaspers, *Torso de mulher*, 1935

Houve artistas que, tendo farejado, não os tempos novos, mas a vinda dum juri formado à nova moda, se atarefaram para produzir trabalhos que teriam agradado os eméritos senhores da comissão julgadora. Em alguns casos os neo-surreal-abstracionistas su-

peraram a si próprios e desenformaram formas que em zoologia se chamam de mame-lões, sem razão artística nenhuma. E, sendo que nas exposições vale também a sorte, como nas Loterias Federais, aconteceu que o bilhete conseguiu vencer a aposta.



Felix Labisse, A palavra



Leo Leuppi, Desordem



Às vezes, pode-se perder a tradição da boa pintura, mesmo um povo que sempre a teve no sangue. A Itália, por exemplo, perdeu-a durante o Oitocentos. Agora é a França que a está perdendo. E prova disto é a secção da Bienal. Onde são os "jovens", depois de Picasso, Matisse, Braque, Rouault? Se excluirmos Pignon, não se vê ninguém no horizonte.

Roger Chastel, Namorados num café, 1950 (primeiro prêmio de Pintura)

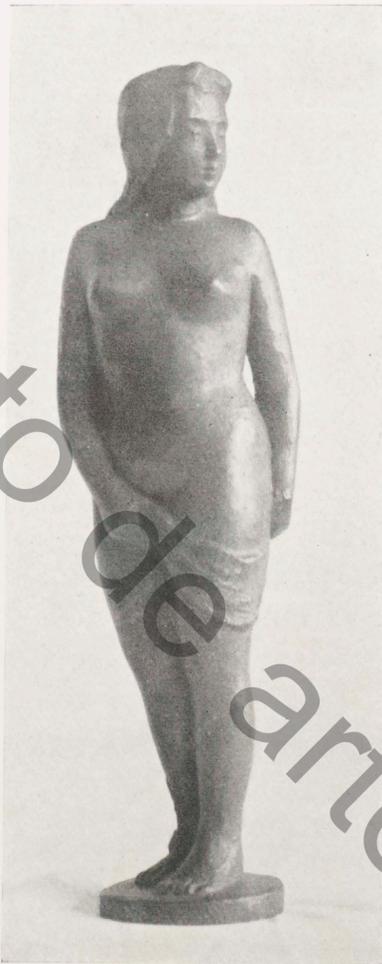


Kees Verwey, No atelier

O número de palavras que qualquer cidadão pode ouvir diante das telas na exposição oceânica da Avenida Paulista, é algo de impressionar. E' fato já estabelecido ser a pintura uma arte que convida ao silêncio; mas aqui, pelo contrário, se colocam em frente de pinturas e esculturas, abrindo a boca para falar um monte de asneiras. Entre as asneiras mais usuais há a seguinte: — Também meu menino é capaz, etc., etc. Como poderá progredir a arte com pais tão bobos?

O único público em São Paulo que entende de pintura é o povo, o povo verdadeiro. Pode-se dizer que o pintor que realmente agradeceu o público foi Permeke.

Basta alguém repetir dez vezes o nome dum artista que se verifica o "fenômeno da repetição": os dez que o ouviram repetem-no a outros dez, e isto faz cem; os cem a outros cem e assim por diante. Daí acontece que toda a população da cidade diz que Fulano é escultor.



Toyochi Yamamoto, Mulher de pé

A diferença entre uma pintura acadêmica e uma pintura abstracionista não existe, quando a pintura "abstracionista" é feita com o intuito de seguir a moda, isto é, quando a pintura abstracionista se torna por isto mesmo "academia", que nada tem de ver com os problemas da pintura. Pintura que compreende, quando Pintura, também o figurativismo, também o abstracionismo e quem sabe, talvez até a assim chamada academia.

Rob. Couturier, Par de pé, 1948



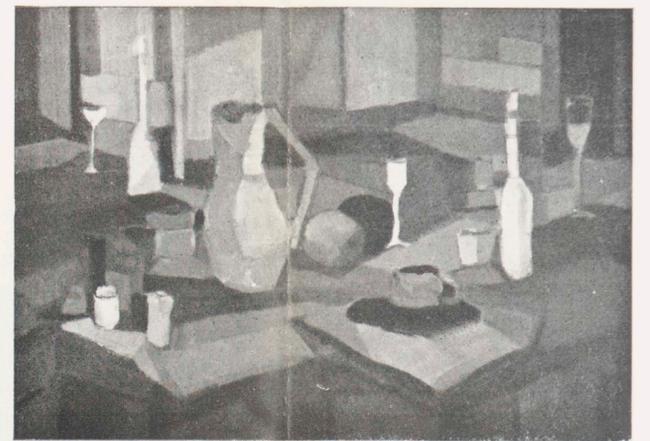
O ano passado, por ocasião da Bienal (aquela verdadeira), de Veneza, alguém de nós disse que uma pintora que devia ser imediatamente convidada era Maria Leontina. E não foi convidada. Agora que a pintora — aliás uma das poucas pessoas que sabem pintar no Brasil — foi premiada (e fizeram-lhe a injustiça de não lhe conferir o primeiro prêmio), vão fazer dela uma heroína. Mas não demonstramos talvez que as pessoas que escolheram os trabalhos da Bienal precedente (verdadeira), deviam passar sob o arco de triunfo da incompetência?

Os membros do júri disseram que os Grandes da pintura brasileira não deviam ser tomados em consideração por serem já Grandes, de fama universal, e também pelo próprio fato de serem convidados com salas individuais, testemunhas de grandeza. Conceito justo e lógico.

Mas como explicar então que o mesmo conceito não foi aplicado à Escultura? De fato, dois entre os premiados tinham uma sala (salinha). Conclue-se daí que o júri julgou ao acaso, como conceitos de máxima, e não soube sistematizar seu julgamento.



Aldemir Martins, Cangaceiros, desenho premiado (já publicado em Habitat 3)



Maria Leontina, Natureza morta, excelente pintura, infelizmente premiada em segundo lugar

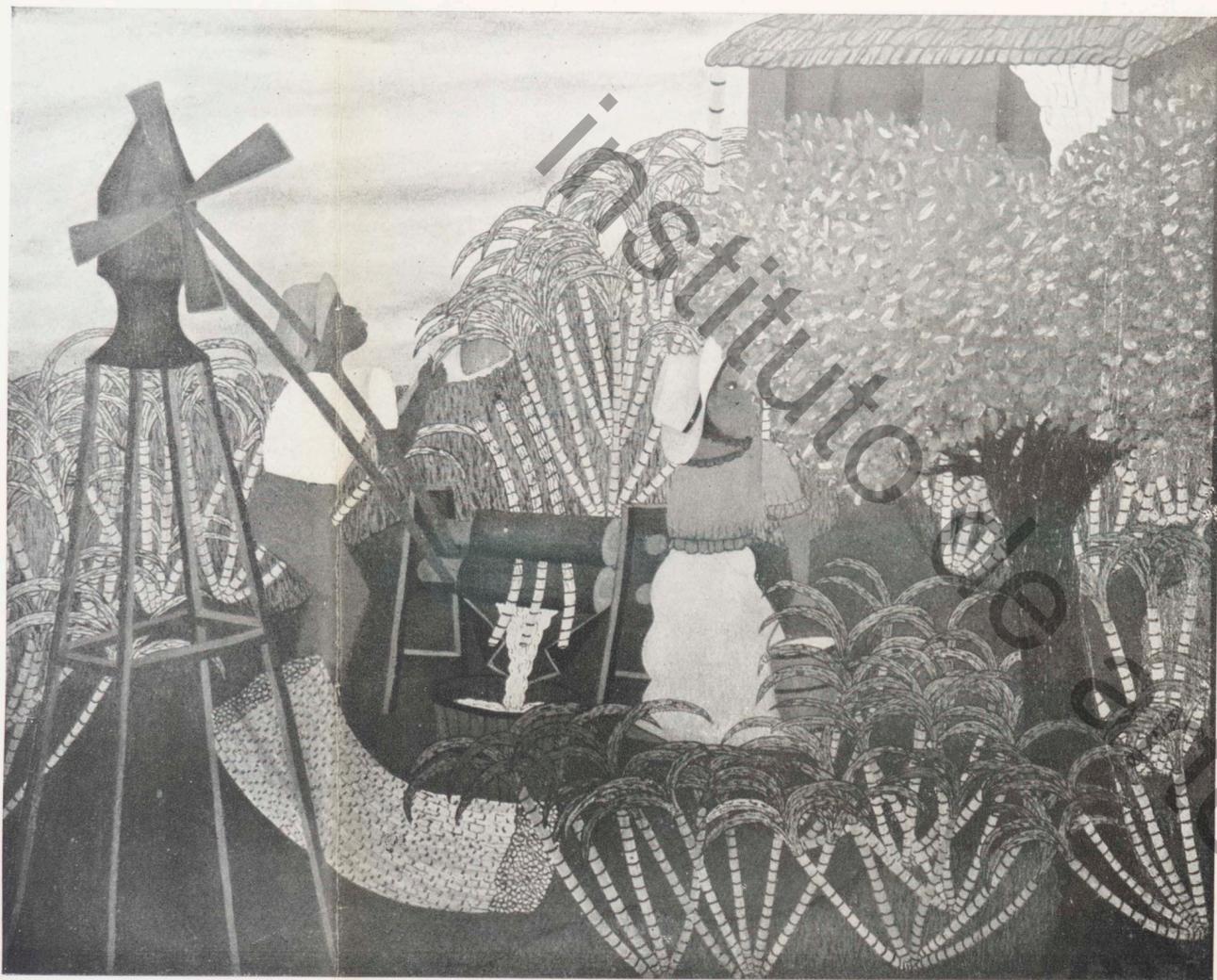


Tarsila do Amaral, E.F.C.B. 1924, pintura premiada

Marcelo Grassmann, Hapias n.º 2, Gravura



Ivan Ferreira Serpa, Formas, "pintura" também premiada



Heitor dos Prazeres, Moenda, 3.º Prêmio de pintura nacional

Era necessário ter a coragem de premiar este pintor nacional, porque esta é a pintura feita com naturalidade, fervor, com uma idéia da arte; algo de bem diferente daqueles limões de Di Prete, dos quais cada um pode ver o precedente em pinturas análogas de quem sabe quantos artistas, desde Bonnard até Marquet, desde Matisse até o italiano Tosi. Os críticos tiveram memória muito lábil; mas isto é da conta deles. O que nós queremos afirmar é o seguinte: que devia ser premiado, com o primeiro prêmio, e honrado um daqueles pintores que respondem ao nome de Lula, dos Prazeres e Silva. Os críticos poderiam objetar que se trata de arte de "primitivos". Isto é, para nós, a única pintura autêntica e original do Brasil. Não seremos, por certo, a levar a sério os muitos picassianos locais, ou, pior ainda, os rabiscos dos assim-chamados abstracionistas

José Silva, o maior pintor brasileiro da nova geração, não foi convidado à inauguração, graças às suas botas, e permaneceu no sertão de São José do Rio Preto.



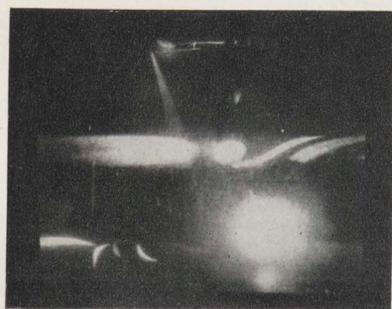
Willi Baumeister, Gesto cósmico



J. B. Brusselmanns, Composição



E então, porque não premiar também o inventor do sistema de pendurar músicas nas costas do companheiro, pensando na contribuição da banda para o sucesso do certame?



Na Bienal foi apresentado, como consequência extrema do abstracionismo, uma tentativa de imagens em movimento, ideadas por Abraham Palatnik. Trata-se dum aparelho de lanterna mágica, projetando formas abstratas. Para quem conhece o aparelho de Brewster e o relativo aperfeiçoamento de Debus, este aparelho não traz nenhuma nova contribuição a quanto já foi feito nesse campo. Todavia a "novidade" conseguiu despertar a curiosidade no público que por tradição gosta dos desenhos graciosos do popularíssimo caleidoscópio ou cromatoscópio, se quiser, que viu nas feiras. Eis algumas imagens obtidas por Abraham Palatnik, que gentilmente as trouxe à nossa redação.

Formas obtidas através do Caleidoscópio luminoso de Abraham Palatnik